

Surreal Encontro Nuclear e Infinito

Ela é o mais promissor olhar no estelar sideral fotográfico brasileiro, cujo nome significa ser a virgem das águas, a divindade dos rios e dos cisnes. Porém, sua linguagem descortina uma Amazônia onde as palafitas, igarapés, lagos, açores, furos e o povo ribeirinho das cidades e vilas do Pará, assentam-se cristalizados tótems resgatados em outra dimensão: a sintonia do espanto.

Sim, porque esta mulher sintetiza o sonho e o profano num encontro uníssono e tensionado; é quando o absurdo emerge do simples, flutuando seus pedaços na correnteza dos quintais amazônicos, trazendo de roldão aos nossos olhos, velhos com rádios de pilhas, anjos a cavalgar numa eterna e estranha viagem, mulher e a esperança à cabeça em forma de banana nos trilhos que não levarão a lugar nenhum, menina protegida com o retrato do pai à porta da casa, as ondas televisivas que brotão das paredes descascadas, a indução à pureza ou ao pecado do menino nu nos édens dos igarapés, as meninas e o jogo sensual dos espelhos e leques, enfim, os sinos de Belém a bater sobre a cabeça de Elza, verdadeiro canteiro de aparições, boiando sombras, asas, brancos tecidos, máscaras enrugadas, crianças desnudadas, surreal encontro nuclear e infinito.

Quando vejo as fotografias em preto e branco de Elza Lima, às vezes sonho e padeço, mas ilumino-me; seus olhos clareiam a imagem inteligente, liberando "se existo, logo penso." O discurso destra, vislumbra, inclina, sublima, espiritualiza uma "musicalidade" onírica, neste já nem tão conturbado caleidoscópio olhar que é, hoje, o cenário fotográfico nacional. Aliás, não fosse sua insuspeitada feminilidade, matriculada num clube até agora, ainda fechado as mulheres, sua saborosidade imaginária vem para ficar.

Os anjos, caboclos, meninos e animais emanam de um tribal relicário, quase sempre paridos no ato de criar, dar à luz num "mood" perpétuo, onde uma dimensão paralela, sinaliza-nos que o dia do juízo final não tardará. Portanto, é hora de sintonizarmos o rádio de Elza e sacar sua onda nada sonora. Nem precisa, pois os reféns de seu imaginário absolutamente pessoal – translúcido e diáfano – esperneiam e gritam intensamente. A foto que fala é aquela que grita.

Ave Elza cheia de graça. Voe. Os sinos de Belém baterão enquanto viveres, sentimento, mensagem, e sua eterna pajelança visual.

Janeiro de 93, Ilha do Marajó. Walter Firmo